

**MUNIZ, Dinéa Maria S;
SOUZA, Emília Helena P. M de;
BELTRÃO, Lícia Maria F. (Org.).**
Entre textos, língua e ensino. Salvador:
EDUFBA, 2007. 198 p.

O livro *Entre textos, língua e ensino* é o volume número cinco de uma série intitulada *Sala de Aula* que a Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA) lança para utilização especialmente em cursos universitários. O livro interessa a estudantes dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e em Letras e para quem faz estudos de Pós-Graduação nessas áreas de conhecimento e afins.

Entre textos, língua e ensino compõe uma produção coletiva do Grupo de Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/UFBA. Formado por professoras e estudantes desse Programa, o grupo promove pesquisas nas áreas de linguagem, escrita, leitura, língua, literatura, ensino, entre outras. Com o objetivo de divulgar esses estudos, Dinéa Muniz, Emília Helena Souza e Lícia Beltrão, as organizadoras e também autoras, selecionaram e produziram ensaios destinados a responder questões que explicitam as relações entre Educação e Linguagem. Os ensaios foram desenvolvidos com base em uma linha filosófica contemporânea que se volta para compreender, analisar e transformar a práxis pedagógica nessa área.

Na apresentação deste volume, as organizadoras anunciam a alegria que brota no GELING com a realização desta publicação e apresentam sucintamente os oito capítulos que constituem *Entre textos, língua e ensino*, e foram organizados de acordo com temas/pesquisas que se completam e se ampliam. Nessa perspectiva, para as organizadoras, os textos, a língua e o ensino revestem-se de algumas características específicas que são explicitadas em suas produções textuais e tecidas com base no encontro da teoria com a prática.

Mary Arapiraca, então vice-diretora da FACED e coordenadora do Projeto Salvador, inicia as discussões trazendo *Narrativas fazem sentidos...* no primeiro ensaio. A autora trata dos sentidos

Maria Emília Oliveira Santana Rodrigues

Professora de Didática e Práxis Pedagógica - Projeto de Licenciaturas Especiais - PROLE

trazidos nas narrativas, contando “causos” e mais causos “tão presentes em nossa vida” (p. 16) e que refletem as inquietações, angústias, alegrias, desejos dos narradores. Causos interessantes, os quais possibilitam reflexões, são narrados por Mary de forma leve, criativa e instigadora ao considerar as posturas dos narradores, através da seleção de exemplos que se apoiam em teóricos estudiosos de Literatura. Ao trazer as “histórias de verdade” (p. 21), ela conta a realidade de crianças e adultos os quais vivem as suas próprias histórias diferenciadas das literárias, mas imbricadas por situações reais de vida. A autora refere-se à questão da narrativa, desde o início da humanidade, enquanto possibilidade de se contar fatos verdadeiros, entremeados de fantasias e de vontade de expressar sentimentos. Nas duas “histórias de verdade” (p. 21), contadas por Mary, é notável o desejo de levantar discussões sobre os sentidos trazidos pelas narrativas, sempre enlaçadas por perguntas instigadoras que fazem o leitor parar para refletir e também se perguntar como ele próprio busca as respostas para essas perguntas. O tom da reflexão permeia todo o texto, que é finalizado com a possibilidade de que “toda a narrativa é o começo” (p. 24). Concordamos com Mary, pois também consideramos que toda narrativa é o começo de uma história que marca a vida das pessoas.

No segundo ensaio, *A prática da expressão oral na escola básica*, Dinéia Muniz, professora e coordenadora do GELING, trata da sua produção individual sobre o desenvolvimento de atividades orais em sala de aula ao observar professores de Língua Portuguesa. Sua discussão se fundamenta na questão da oralidade na escola básica de ensino fundamental e mostra o seu trabalho de investigação nos anos 80, quando encontrou resultados que indicam “a atividade de expressão oral pelos alunos” como “algo inexpressivo” (p. 28). Neste estudo, a autora fez um recorte, mostrando “um caso” (p. 28), o da *Professora E*, que tem um perfil profissional caracterizado fundamentalmente por sua formação pedagógica e pela atividade de docência, perfil diferenciado das demais participantes da pesquisa. Dinéia traz a fala da *Professora E*, que se desvela quanto à sua prática docente em Língua Portuguesa, discorrendo sobre o trabalho da professora com a linguagem oral, realizado e o seu desejo de desenvolver essa linguagem oral com os seus alunos e alunas. Durante a descrição dessa observação, a autora vai dialogando com as respostas da *Professora*

E, mostrando uma interlocução com aspectos relevantes sobre o ensino da língua, concepções de língua e linguagem. No desenvolver de seu ensaio, Dinéa também faz relações com as demais informantes de seu trabalho de pesquisa, entremeando, ainda, seu discurso com perguntas que instigam o leitor a buscar outros sentidos, bem como a sua compreensão sobre o tema em estudo. Pontua referências de Lajolo, quando discute uma afirmação da Professora *E* sobre o uso de textos na escola. Além disso, menciona também algumas respostas de alunos, fazendo uma relação interessante entre o que eles dizem e o também o que a Professora fala, mostrando algumas contradições do fazer pedagógico dessa docente. Conclui, retomando o objetivo de seu estudo na década 80, que mostrou como a oralidade estava sendo tratada em sala de aula e defendendo a postura de não só diagnosticar, mas de efetivar possibilidades de mudar tal quadro, através de contribuições, inclusive do próprio GELING.

Ao continuar a leitura de *Entre textos, língua e ensino*, encontramos um terceiro ensaio elaborado pelo trio formado pela professora Iara Farias, e os então mestrandos Renato Izidoro e Djárcia Santana, intitulado *Alfabetização, processos históricos, linguísticos e psicogenéticos na leitura e na escrita*. As autoras e o autor produziram um ensaio que trata sobre uma experiência vivenciada na disciplina – Alfabetização – do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. As discussões nessa disciplina se voltaram à prática da Alfabetização, relacionada com o deslocamento do ensino da língua escrita que deve se sobrepor a uma visão tecnicista e metodológica, transformando-se em “reflexões sobre suas implicações sociais, culturais e políticas” (p. 49). Com a apresentação do “horizonte histórico da escrita” (p. 51), as autoras e o autor objetivam situar a prática da escrita, para fundamentar a sua proposta de não limitar “o apreender a ler e a escrever ao simples ato de decodificação e associação natural entre palavra e mundo, fala e escrita” (p. 50). O ensaio é tecido com um marco histórico interessante, referenciado por vários teóricos que mostram o percurso da língua escrita desde a Antiguidade até a contemporaneidade. A passagem, nem sempre tão tranquila, de “[...] uma sociedade essencialmente oral para uma sociedade em que a escrita assume um papel” (p. 60) relevante, instaura relações importantes com o processo de Alfabetização. Percebemos sinalizações consideráveis que se voltam para um

trabalho proficiente em alfabetizar, tanto crianças quanto adultos, cada qual mostrado com as suas particularidades e especificidades, isso ao tratar que esse processo é também “desafio cognitivo” (p. 61) com características próprias. Ao suscitar questões sobre a escrita e como se aprende a escrever, as autoras e o autor levantam elementos na psicogênese da escrita, segundo a qual a alfabetização é entendida como uma ação do sujeito que aprende o sistema escrito da língua. A complexibilidade do processo de alfabetização é trazida, ainda, à discussão, mostrando que o domínio do traçado das letras, o entendimento da relação entre fonemas e grafemas, como também as relações intrínsecas entre a leitura e a escrita são aspectos que exigem um grande esforço de quem é alfabetizado. Do mesmo modo, são colocadas na discussão as consequências pedagógicas do ato de alfabetizar pessoas e o que faz o professor ou a professora diante de tais informações históricas e contemporâneas sobre o ato de alfabetizar. A exposição e discussão tecidas pelas autoras e autor são pontuadas de significações entre as quais: “o professor não alfabetiza o estudante” (p. 65); “respeito ao aprendente como sujeito que pensa e interage com a escrita” (p. 65); “aulas como campo de observação e de pesquisa” (p. 66); “re-significar o fazer cotidiano do professor e dos aprendentes” (p.67); entre outras. Nas considerações finais, mas não conclusivas, as autoras e o autor comentam sobre a dificuldade em “dar conclusão a um assunto tão complexo” (p. 69). Realmente, discutir sobre a Alfabetização retrata um grau de complexibilidade que se tece com a história da humanidade e com questões sociais da contemporaneidade.

O quarto ensaio, *O ONDE em estruturas relativas no português atual*, trabalho desenvolvido por Emília Helena de Souza, professora no Instituto de Letras da UFBA e da Faculdade de Educação, trata da produção das evidências de variação e mudança do uso do “ONDE e sua relação como o QUE, em contextos de estruturas relativas, em *corpora* oral e escrito do português atual” (p. 81). A autora delimita o problema pesquisado, embasando-se em gramáticos conceituados, mostrando a teia do uso dos advérbios no português através de exemplificações das variações. Em seguida, ao aporte teórico apresentado, Emília Helena situa o seu objeto de análise, constituído através do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador, PEPP/SSA/90 e do NURC/SSA/90. O *corpus* do trabalho compõe-se “por 75 redações escolares de

alunos do Ensino Médio, de uma escola de classe média de Salvador, com idade entre 15 e 17 anos; e de 40 Editoriais e textos de Opinião do jornal *A Tarde/SSA* (2003/2004)” (p. 81). A autora mostra a análise das amostras de nível médio – modalidades oral e escrita – , trazendo exemplos do uso do ONDE em diferenciadas estruturas sintáticas. Nas comparações feitas pela professora, notamos uma “considerável diferença entre as realizações orais e escritas” (p. 85), enfatizando as formas de se comunicar contidas nesse contexto específico. As significações do uso do ONDE, mostradas através dos exemplos retirados das informações prestadas pelos estudantes, são seguidas de pontuações gramaticais e explicativas de caso a caso, ou seja, de uso a uso do ONDE. Com a mesma postura investigativa e analítica, a autora também analisa as amostras de nível universitário, nas modalidades oral e escrita, percorrendo os caminhos da gramática e dos exemplos. Suas considerações finais apresentam a comparação entre os resultados encontrados nos dois grupos da amostra, evidenciando as similaridades e diferenciações entre os mesmos. É importante salientar a referência que a autora faz aos PCN de Língua Portuguesa, enquanto considerável elemento orientador das bases para os estudos da língua na escola. Tais estudos, provavelmente, sinalizam “a língua como um sistema variável e sujeito a mudanças” (p.95), concepções que devem ser ajustadas por todos aqueles que lidam com o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa, professores e professoras, bem como alunos e alunas.

No quinto ensaio, Lícia Beltrão, professora e então coordenadora do Departamento II da FACED, traz o seu ensaio denominado *Produção de textos na escola*. O texto é iniciado com palavras de Clarice Lispector, e nele é feita uma utilização de forma exemplar das palavras da escritora, para traduzir as preocupações da autora e apresentar seu estudo sobre a produção de textos escritos e suas questões pedagógicas. Para tanto, Lícia seleciona um texto apresentado por um estudante do 3º ano do Ensino Médio, intitulado *Trabalho pesado*, que se intertextua com o fragmento de Clarice Lispector em a *Hora da estrela*. A impossibilidade de “medir e documentar o grau de consciência linguística” (p. 102) com o qual as pessoas escrevem denota a responsabilidade de que se imbuí a autora ao discutir o tema abordado. Numa discursividade interessante, recheada de intertextualidades com variados textos e autores, Lícia discute a visão de uma leitura

parafrástica com o da polissêmica, segundo Orlandi (2003). Isso é feito a partir das considerações dos diversos níveis de sujeito e os variados tipos de discurso. Num embasamento teórico sedimentado na Análise do Discurso (AD), a autora continua trazendo elementos e argumentos, autores e exemplificações que enveredam pelos “[...] sistemas de conhecimento acionados por ocasião da produção de textos” (p. 106). Esses sistemas referenciados por Koch são confrontados com o texto *Trabalho pesado*, mostrando as possibilidades que foram acessadas pelo produtor desse texto na sua opção escrita. Passeando por referências importantes nas questões de aprendizagem, inclusive, aprendizagem significativa, Lícia dialoga com o texto produzido pelo estudante e com os autores referenciados, considerando as “experiências acumuladas e imediatas, [...] sobre o escrever” (p. 111). Além disso, também amplia sua leitura com base na perspectiva bakhtiniana, apontando duas facetas: “o conteúdo e sua objetivação exterior para outrem” (p. 113); e “a interação verbal” (p. 113). Na continuidade de seu ensaio, a autora divulga os componentes de uma ficha utilizada pelo professor para avaliar a produção textual *Trabalho pesado*, concluindo que a mesma revela uma concepção de leitura que não se coaduna com a produção de sentidos, bem como uma produção de texto que não considera o estudante-autor como sujeito da linguagem. Ao longo do seu texto, a autora se coloca ao lado das discussões do ideal de escrita escolar, expondo seus argumentos em defesa de uma escrita que se insere como produção de sujeitos da linguagem, nos ‘sins’ e nos ‘nãos’ das concepções de linguagem, de língua, de leitura e de escrita utilizadas e apropriadas pelos professores e professoras de Língua Portuguesa.

Nos próximos ensaios, n. 6, 7 e 8, a professora Dinéia Muniz, uma das organizadoras dessa obra, forma parcerias significantes com alunas do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, participando de duplas com: Maria Lucileide, Giselly Moraes e Jane Adriana Rios. O grupo produziu ensaios entrelaçando leitura, educação e literatura. Assim é que, no sexto ensaio – *Leitura, diálogo e educação* – Dinéia e Maria Lucileide começam sua produção trazendo Cecília Meireles, dando o tom poético às questões da leitura e educação. Ao pontuar concepções de educação que são assumidas “pela grande maioria das instituições de ensino” (p. 144), escolhem argumentar e defender uma visão em que a

educação é colocada como semente de desenvolvimento do ser humano o que dá condições ao ser, que é inteligente e criativo, de viver de forma digna e própria. A partir desse argumento, as autoras fazem uma reflexão sobre o valor da leitura e do diálogo para a educação. Elas definem o significado da leitura para a vida do ser humano como uma contribuição para que esse possa assumir uma postura própria e apropriada diante do mundo. No decorrer do texto, elas dialogam com Freire (1986), Martins (1986), Muniz (1999), Koch, (2002), Kleiman (2004), Rezende (2005) e Colasanti (2006), trazendo significações de leitura que se ampliam e complementam. Um dos argumentos notadamente importantes trazidos pelas autoras diz respeito ao valor da leitura dialógica. A leitura considerada com prática discursiva em que seus protagonistas interagem de forma aprendente, interligada e coparticipante.

Além disso, também é considerado o valor do diálogo para o desenvolvimento do ser humano. Esse como pressuposto de um “[...] desvelamento do significado de todas as peculiaridades, potencialidades do ser humano, inclusive as do seu mundo interior” (p. 151). Numa linha filosófica, apoiada em Sócrates, que considerou o diálogo como uma possibilidade para o ser humano aprender a ser humano, as autoras ainda fazem referências importantes a Freire (1970), Bohm (1996) e Soares (2002) para balizar esse argumento. A inter-relação possível entre leitura e diálogo é mostrada pelas autoras que definem que o “[...] sujeito leitor é também um sujeito capaz de dialogar consigo mesmo e com o todo que o cerca” (p. 156). Consideramos que os outros sejam destacados nesse todo, pois, necessariamente, diálogo implica um encontro de um com o outro e/ou outros, ou até de si consigo mesmo, conforme já colocado.

O ensaio – *A literatura na escola como presença de outros* – é o sétimo texto do livro. Dinéia e Giselly concebem um diálogo entre a formação de leitores e o uso privilegiado de textos literários. Retomam as informações históricas sobre o “papel preponderante” exercido pela literatura “no ensino da língua, na formação moral e na consciência de uma cultura com raízes clássicas” (p. 166). Tecem também a historicidade dessa utilização, chamando-nos a atenção para a questão da produção de estratégias didáticas para abordagem do texto literário em sala de aula. Ao referenciar teóricos que contribuem para as discussões na área da leitura e

do uso da literatura na escola, as autoras consideram que “formar leitores é um ato político” (p. 173). Certamente, a formação de leitores é ação que insere o sujeito em seu espaço de civilidade. Também a leitura literária a ser desenvolvida na escola para crianças e adolescentes deve incentivar a busca de identidade e interação dos sujeitos com a realidade. Elas consideram, ainda, que a sala de aula tem todas as condições para se tornar um espaço privilegiado para o desenvolvimento do sabor e do desejo de ler obras literárias, assim como um importante campo para intercâmbio da cultura. Dessa forma, a literatura como presença de outros, de outras vozes que se encontram na escola necessita, ser uma ação pedagógica qualificada que permita ao estudante dialogar com os outros que se apresentam nos textos literários. Outro aspecto também abordado é a ampliação dos horizontes do mundo escolar, no que tange ao trabalho emancipatório com o texto literário, de maneira a formar alunos-leitores e, conseqüentemente, auxiliá-los no desenvolvimento das habilidades de leitura, fala e escrita; na formação de opiniões e construção de sua identidade; na compreensão do mundo que os cerca; e na expansão de seus horizontes de expectativas.

No oitavo e último ensaio, há a retomada do aspecto da narrativa iniciado por Mary Arapiraca, e concluído por outras narrativas agora elaboradas por Dinéia e Jane Adriana, que intitularam o seu trabalho: *Histórias de leitura de alunos e alunas da roça*, trazendo histórias dessas e desses estudantes, às vezes não tão ouvidos. As autoras privilegiam a perspectiva sociointeracionista da leitura, dando-lhe um lugar social importante, vez que a leitura é “uma atividade que envolve as mais diversas situações vividas socialmente, no contexto familiar, na escola, no trabalho e em outros espaços” (p. 186). As narrativas trazidas das histórias de leitura de adultos do meio rural desvelam a realidade desses sujeitos, bem como suas possibilidades de aprendizagem de ler e escrever e são refletidas à luz de teóricos, entre os quais Kleiman (1999), Luckesi (1999), Freire (2001), Orlandi (2001), entre outros. Nas considerações finais, as autoras pontuam que as histórias de vida dos sujeitos ouvidos se identificam com suas próprias histórias de leitura, mostrando-nos um panorama de força de vontade e determinação desses sujeitos em relação ao seu aprender ler e escrever.

Ao concluir esta resenha, reafirmamos que a obra destina-se a todos aqueles que procuram respostas para as questões sobre textos, língua e ensino e que buscam desvelar conhecimentos, os quais contribuem para entrelaçar o fazer da Universidade ao da Educação Fundamental. Enfim, os textos lidos constituem valiosas contribuições aos estudos na área, uma vez que percebemos significações voltadas para os processos discursivos, mostrando uma compreensão do funcionamento dos textos, enquanto produtos de uma atividade enunciativa, isto é, o discurso em seu sentido amplo. Que novas propostas assemelhadas venham a contribuir ainda mais para leituras, discussões, estudos e pesquisas sobre temas tão importantes e imbricados.